



N. 11-59

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO,  
Instrutor da ECEME

## SUMÁRIO

### I — BASES FILOSÓFICAS

A ARTE DA GUERRA E A TÉCNICA

Gen AILLERET, do Ex Francês

(Tradução do Cel ALVARO LUCIO DE AREAS).

### II — ORGANIZAÇÃO

O "EXÉRCITO PROFISSIONAL", de CHARLES DE GAULLE

Ten-Cel HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN.





## TEORIA DE GUERRA

*Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.*

*A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.*

## DOCTRINA DE GUERRA

*Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem inutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.*

*Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.*

## REGULAMENTO

*Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.*

*Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.*



# I — BASES FILOSÓFICAS

## A ARTE DA GUERRA E A TÉCNICA

Gen AILLERET (Ex Francês)

Tradução do Cel ALVARO LÚCIO DE AREAS  
Instrutor da ECEME

O General AILLERET chefia hoje todos os trabalhos e estudos sobre armas especiais em França. Antigo conferencista da Escola Superior de Guerra de Paris, suas idéias, largamente difundidas no Exército Francês, vem cada vez mais encontrando adeptos, pela força da convicção e pela evidência dos fatos.

Suas conclusões destinam-se ao Exército Francês e alguns dos problemas por êle abordados na questão de formação dos quadros técnicos, já estão felizmente resolvidos entre nós, onde o quadro técnico se formou sem choques nem violação de preconceitos, graças à nossa tradição de formação científica, herdada da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, tão combatida no período entre a 1ª e a 2ª Grandes Guerras, mas cujas raízes estavam presentes e permitiram a formação da mentalidade técnica entre nós. Como porém, as idéias do Gen AILLERET correspondem à necessidade de divulgação e entrelaçamento da técnica com a tática, trabalho que de mãos dadas vêm fazendo a Escola de Comando e Estado-Maior e a Escola Técnica do Exército, julgamos oportuna a divulgação em português, dêsse trabalho, porque é farto em preciosas lições, que servem a todos.

Cel ALVARIO LÚCIO DE AREAS.

### I — INFLUÊNCIA DA TÉCNICA MODERNA SOBRE A CONDUTA DA GUERRA

Tem-se ouvido muito freqüentemente sustentar e, talvez muitos estejam convencidos, de que a época atual é caracterizada pela importância enorme que o material tomou na guerra.

Entretanto, sob esta forma, esta afirmação é certamente falsa. Sob esta forma, que significa que o material tomou, em detrimento das forças morais, uma importância relativa muito maior que no passado.

Com efeito, é uma discussão estéril, querer opor as forças materiais às forças morais; essas duas categorias de forças, sendo como são, independentes e de natureza muito diferente.



O material e o moral constituíram sempre dois dos fatores essenciais do valor das forças armadas, mas se é verdade que o dispor de um bom material constitui para uma tropa um fator de bom moral, material e moral não se opõem em nada um ao outro. A História nos ensina, que já a falange de Felipe da Macedônia deveu suas vitórias a seu armamento de longos piques, que lhe dava nos combates de massa, uma vantagem segura sobre seus adversários, que só dispunham de armas muito mais curtas; da mesma forma, foi o radar que, em 1940, ganhou a batalha de Londres. Isso não significa que sem a habilidade manobreira e a coragem, tanto dos macedônios como dos pilotos da RAF e de seus chefes, é quase certo que tanto uns como outros destes sucessos poderiam ter-se transformado em desastres.

Mesmo na hipótese de uma guerra de "apertar botões", a influência dos fatores morais e intelectuais seria tão importante quanto o foi no passado; porque além da potência material concentrada e centralizada que esse tipo de guerra exige, seria necessária muita inteligência aos chefes, para servir-se dela melhor do que o adversário e muita coragem aos exércitos e às populações, para suportar sem desfalecimentos os terríveis golpes que este material poderia desfechar à distância.

Assim, embora o volume e a massa do material tenham crescido desmesuradamente em nossos dias, a importância relativa do material não é maior que no passado. Nos tempos de Napoleão, media-se pelo número de canhões a força dos exércitos, da mesma forma que ontem se media em aviões e em carros e agora começa-se a medir em bombas atômicas.

Entretanto, tem-se a convicção, justa aliás, de que o fator "técnica", traz em nossos dias qualquer coisa inteiramente nova à conduta da guerra. Donde vem este sentimento; como e porque a técnica introduziu elementos revolucionários na guerra? — Tudo se explica se compararmos a época atual com o passado, mesmo muito recente. O que com efeito distingue, do ponto de vista técnico, nossa época das que a precederam, é que devido à aceleração dos progressos técnicos, a técnica evolui agora com enorme rapidez e novos armamentos aparecem mais e mais freqüentemente, sobrepujando totalmente seus antecessores ou, no mínimo, limitando ao extremo suas possibilidades.

Vários séculos foram necessários para que a arma de fogo atingisse a forma que atingiu no século XVIII, quando não era ainda suficientemente perigosa para que as antigas armas brancas fossem abandonadas de todo.

Inversamente, o século XIX viu acelerar-se o progresso; e o armamento de Infantaria passou do fuzil de pederneira, com uma cadência de 2 ou 3 tiros por minuto, no máximo, como um alcance eficaz de 200 metros, a um moderno fuzil de repetição, lançando 15 projetis por minuto, com um alcance eficaz de 1.000 metros e mesmo às primeiras armas automáticas, como a metralhadora Maxim. Este mesmo século viu a artilharia passar do canhão "Gribeauval", lançando projéteis em tiro



direto e alcance eficaz que não ultrapassava 1 km, ao moderno canhão de 75 mm, atirando com uma cadência de 12 tiros por minuto, projéteis explosivos ou de balins, com eficácia considerável sobre o pessoal, até um alcance da ordem de 10 km.

Entretanto, esta rapidez do progresso do armamento, durante este século, não é nada em vista da que se manifestou durante os últimos 40 anos. Nestes viu-se nascer e desenvolver a artilharia pesada e de grande alcance ou de grande destruição, as armas automáticas de todos os modelos, sejam as muito leves como as pistolas metralhadoras, sejam as de grande cadência como as metralhadoras de aviação, sejam as de calibres mais importantes, como os canhões automáticos da Marinha ou de DAA leve; a aviação, já consideravelmente evoluída sob todos os aspectos: o pára-quedismo, os gases de combate, os blindados, a DAC, o radar, os autopropulsados e muitos outros, com o coroamento final dos explosivos nucleares.

Assim, se outrora o armamento durante períodos relativamente curtos, como os das guerras da Revolução e do Império, por exemplo, podia ser considerado na prática, como um fator invariável, já não é a mesma coisa hoje, em que este fator é, ao contrário, terrivelmente evolutivo.

O fenômeno de aparição constante de novas armas, modifica sem cessar e radicalmente, o equilíbrio estabelecido entre os armamentos precedentes e acarreta particularmente duas conseqüências imediatas essenciais:

1ª — a cada aparecimento de novas armas, adaptar a organização e a doutrina para seu emprêgo;

2ª — a possibilidade de acrescentar aos tipos de manobras já conhecidos, para obter a superioridade sobre o inimigo, um novo tipo, relativo à utilização de um armamento que o inimigo ainda não possui.

Mesmo quando os novos armamentos aparecem simultânea e indiferentemente em um e outro lado, é evidente a necessidade de adaptar constantemente a organização das forças armadas à evolução da técnica dos armamentos, por isso que a finalidade dessa organização é o emprêgo do armamento. Raciocínio idêntico pode ser feito para a doutrina. Os processos táticos e a própria estratégia dependem diretamente do armamento e são ditados pelas possibilidades relativas das diferentes armas. As adaptações entretanto, não se fazem sem dificuldade, em conseqüência das resistências passivas, com base na tradição e na força de idéias adquiridas e profundamente enraizadas. Veremos alguns exemplos mais adiante.

Mesmo na hipótese em que o progresso apareça simultaneamente de um lado e de outro, a experiência mostra que aquêle que mais depressa adapta sua organização e sua doutrina às possibilidades do novo armamento, obtém vantagens iniludíveis.



A inteligente adaptação dos alemães em 1940, de sua organização e de sua doutrina, às possibilidades de ruptura e exploração que nesta época possuía o binômio carro-avião de assalto, é um exemplo flagrante.

É possível que uma nova arma só apareça para um dos beligerantes. Se esta arma lhe der possibilidades diferentes, êle pode obter de seu emprêgo unilateral, vantagens não sômente enormes, mas também duráveis.

Verifica-se que a aceleração do progresso do armamento, fundamental para a compreensão das transformações atuais da guerra, é seguida de um segundo fenômeno: — a complexidade dos estudos e pesquisas de onde saem as novidades técnicas, que aumentam sem cessar. É assim que o estado operativo (aliás, relativamente inacabado) dos projéteis autopropulsados, tipos V1 e V2, exigiu um esforço combinado de dezenas de sábios alemães durante perto de 10 anos. Quanto ao volume de meios empregados na obtenção das primeiras bombas atômicas não há quem o ignore.

A demora de colocação em estado operativo de cada nova invenção, não é pequena. O que aumentou não foi a rapidez dos novos engenhos que se estudam, mas sim a rapidez ou a freqüência, como diriam os físicos, com que êles aparecem. Ou seja, novos engenhos surgem mais e mais freqüentemente, mas a obtenção do estado operativo de cada um dêles exige muito tempo e meios consideráveis.

Em conseqüência, daqui por diante, o beligerante que disponha de engenhos mais modernos e plenamente satisfatórios, pode, pelo simples fato do aparecimento de um progresso técnico do lado do inimigo, ver êstes engenhos perderem rapidamente, todo ou parte de seu valor; e é susceptível de não poder retomar a superioridade sôbre o adversário ou mesmo igualá-lo nesse terreno, senão após longos e custosos esforços.

Donde, uma nova possibilidade de manobra, a dos "estudos e pesquisas", manobra de criação de novos engenhos, que consiste em pôr em estado operativo armas superiores em qualidades às do adversário, a fim de provocar um desequilíbrio decisivo.

É interessante precisar por alguns exemplos históricos a nova fase de arte da guerra que vem de ser definida:

— na batalha de Londres, no verão de 1940, foi êste tipo de manobra que salvou a Inglaterra, graças à eficácia do radar instalado nas costas Sul e Este da Grã-Bretanha. Sabe-se que a RAF só dispunha de algumas centenas de aviões de caça, Hurricanes e Spitfires, para opor às forças aéreas que procuravam desorganizar o esforço militar britânico e conquistar a superioridade aérea indispensável a qualquer tentativa de invasão. O radar modificou de tal forma o rendimento da modesta caça inglesa, que ela pôde enfrentar vitoriosamente um número de atacantes, que no estado anterior dos armamentos, fâcilmente a teria sobrepujado.

A luta pela superioridade aérea no decorrer da 2ª Guerra Mundial, empregou os meios táticos mais diversos para forçar o adversário a com-



bater nas condições que lhe fôsem mais desfavoráveis. Mas esta luta viu constantemente em execução, o simples recurso técnico de empregar aparelhos superiores aos do inimigo, em rendimento e armamento.

No final da guerra por exemplo, a incontestável superioridade aérea aliada, duramente obtida pelo emprêgo em serviço e pela perda de um número considerável de aparelhos, foi de um certo modo reequilibrada pela entrada em ação do Messerschmit 262 à reação. Se Hitler não tivesse cometido o grave êrro de retardar de um ano a construção e a distribuição destes aparelhos e se êles pudessem ter sido utilizados mais cedo, em grandes massas, é possível que o curso da guerra aérea tivesse sido profundamente modificado pelo simples fato de uma inteligente manobra técnica. De fato, a guerra aérea foi definitivamente perdida pelos alemães, em consequência de um êrro grave no plano de material.

A obstinação alemã em continuar a luta em 1943 e posteriormente, quando já estava perdida pelos nazistas no plano estratégico normal, só se explica pela esperança, talvez subconsciente dos dirigentes alemães, nos resultados da manobra científica e técnica, concretizada por pesquisas algumas e aceleradas no domínio de novas armas, das quais apenas algumas, como a V1, a V2 e os aparelhos a reação, puderam chegar em tempo de ser utilizados na batalha; mas de que, um grande número estava ainda no estágio dos protótipos do ensaio, no momento em que a Alemanha teve que depor as armas. Sômente esta manobra de criação de novas armas, que ultrapassassem as do adversário, poderia dar a vitória à Alemanha depois de Stalingrado e El-Alamein. A continuação da luta com as armas clássicas, pode ser considerada como tendo sido para os alemães, uma cobertura da manobra técnica, com a finalidade de pôr o território do Reich ao abrigo de operações inimigas, durante o tempo necessário para pôr em estado operacional novas descobertas que, limpando do céu a aviação clássica inimiga e esmagando suas forças terrestres, permitissem ao Reich a retomada da iniciativa e a obtenção da vitória final.

Foi uma manobra técnica a realização da bomba atômica que conseguiu o esmagamento definitivo do Japão.

Êstes poucos exemplos, bem mostram que a arte da guerra não se restringe mais a melhor utilizar material superior, mas sensivelmente análogo ao do inimigo. Um de seus novos elementos essenciais é a arte de sobrepujar o inimigo opondo-lhe meios de combate mais poderosos que os seus, se possível de surpresa, para que êle não tenha tempo de adaptar-se.

## II — ADAPTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO À EVOLUÇÃO

No ritmo da evolução dos armamentos, os meios de combate aparecem, tomam um determinado grau de importância, vão se tornando obsoletos e desaparecem, transformando-se em peças de museu.

Quando as armas se aperfeiçoam e os antigos modelos são apenas substituídos por tipos melhores, daí resulta um problema relativamente fácil de organização; sendo a nova organização apenas uma adaptação



da antiga. São transformações de pequena envergadura, relativamente pouco sensíveis, que se realizam por si mesmo, mais ou menos rapidamente, conforme a pressão dos acontecimentos.

Quando ao contrário, aparecem armas completamente novas, surgem problemas muito delicados de organização, para seu emprêgo. Um desses problemas é o de distribuição dos novos engenhos a esta ou aquela arma ou força para sua exploração.

Uma das teorias gerais mais empregadas para determinar a quem cabe receber o novo engenho, entre as armas ou forças já existentes ou a constituir, é o princípio da Missão. Por esta regra, a arma ou força a que deve ser afeto o novo engenho, será aquela a que este engenho melhor possa servir para cumprimento da sua missão tradicional.

É uma regra sedutora, que se pode aplicar dentro de certos limites, quando se trata de engenhos de técnica simples ou que não diferem muito da técnica da arma considerada.

Entretanto, não é uma regra geral e sua aplicação brutal e automática pode conduzir a conseqüências absurdas. Examinemos, por exemplo, o caso da aviação de apoio. Durante a guerra de 1914 a 1918, o apoio da Infantaria no campo de batalha, estava quase que exclusivamente a cargo da Artilharia. Ora, alguns anos depois, mesmo antes de 1940, o progresso dos aparelhos de aviação e do seu armamento, permitiu à aviação intervir com eficiência na luta em terra e sobrepujar o canhão, numa certa parte de suas missões. Não ocorreu a ninguém a idéia de que uma vez que se tratava de missões executadas pelos artilheiros, os aviões de apoio às forças terrestres deveriam ser manobradas pela Artilharia. A aviação é uma técnica de tal forma especial, que é muito mais fácil dar ao aviador o conhecimento daquelas missões do que ensinar ao artilheiro a manobrar e fazer a manutenção do material aéreo.

A aplicação da regra da missão teria conduzido a um resultado tanto mais ridículo, quanto o avião de apoio pode receber, conforme as circunstâncias, muitas outras missões, além das de apoio às tropas de terra, pois que normalmente, o material se presta a mais de uma missão.

Vejamos um segundo exemplo em que a aplicação da regra deu resultados pouco animadores.

Quando o carro de combate surgiu, foi logo atribuído à infantaria, de cuja missão participava, por isso que era utilizado principalmente como engenho de ruptura, em cooperação imediata com os elementos de assalto. Mais tarde foi também atribuído à cavalaria, na proporção em que pudesse ajudá-la nas missões de descoberta, de reconhecimento e de combate. Nenhuma das soluções foi satisfatória.

Inicialmente a técnica do carro, sendo muito particular, seu pessoal teve que receber uma formação especial, muito diferente da Infantaria e as unidades de carro receberam uma organização particular. Formou-



-se dentro da Infantaria uma espécie de subdivisão: os carros, onde o pessoal permanecia a título definitivo, mas que tendia cada vez mais para a autonomia. Porém, o fato de que os carros permanecessem subordinados à Infantaria foi provavelmente a razão pela qual, em França, não se apercebessem das possibilidades desses engenhos, utilizados em missões um pouco diferentes das da Infantaria clássica.

O Exército Alemão, onde as Panzer formavam uma arma à parte, pôde dar em 1940 uma boa lição sobre o emprêgo de carros nessa época. Quando a França reobteve a faculdade de criar unidades importantes de carros, organizou uma arma blindada realmente autônoma com o excelente pessoal de cavalaria, já parcialmente familiarizado com a técnica dos carros, e disponível para absorver a técnica dos novos engenhos.

A atribuição dos carros à Infantaria e numa certa medida à Cavalaria, fôra indubitavelmente uma má solução. Impunha-se para um meio novo, com uma técnica especial, a solução de criar uma arma independente.

Parece então, que o que determina a quem afetar um novo tipo de armamento não é propriamente a missão do pessoal capaz de empregá-lo, mais do que isto, são as características de sua técnica.

O que caracteriza o avião por exemplo, não é a distância em que êle age, nem a autoridade em proveito de quem êle trabalha; é uma técnica extremamente especial, que obriga a dar aos aviadores uma formação muito particular e completamente diferente da de tôdas as outras armas e além disso, o aviador deve ter uma organização, particularmente em suas bases, inteiramente diferente da das outras forças. Foi por esta razão que a aviação se transformou rapidamente numa força particular, embora agindo no quadro comum de um comando de conjunto das operações.

Pelas mesmas razões, uma técnica especial, foi que os carros se distinguiram nitidamente da Infantaria, com a qual entretanto, são frequentemente chamados a cooperar intimamente na ação.

Igualmente o progresso das comunicações radioelétricas permitiu uma grande difusão dos meios de comunicação modernos, tornando-se evidente que a utilização desses meios decorria de uma técnica inteiramente diferente da de Engenharia, e que o pessoal de uma única arma não podia eficientemente assimilar duas técnicas tão diversas. Era lógico então, separar as comunicações da Engenharia; o que já foi feito em quase todos os exércitos do mundo.

Assim, quando aparece uma nova arma é necessário desde logo considerar a extensão em que sua técnica difere ou se aproxima das antigas.

Quando se trata de uma técnica semelhante a outra já existente, há interesse em afetar a nova arma a quem já estava especializado nesta técnica. Foi assim que quando do aparecimento do avião, surgiu o canhão anti-aéreo, e era lógico entregar à Artilharia o serviço das peças anti-aéreas, embora a missão da Artilharia fôsse diferente.



Quando se trata ao contrário, de um tipo de arma que implica em técnicas inteiramente novas, não se deve hesitar em criar uma arma ou força inteiramente distinta, aproveitando o pessoal mais competente de todas as armas ou forças. Escolher uma dessas como "proprietária" do novo engenho, por motivos mais ou menos razoáveis de missão ou razões sentimentais, restringe o campo de seleção do pessoal destinado a utilizar o novo engenho, que por ser novo, está provavelmente destinado a desempenhar um papel importante.

Nos dois casos acima, ressaltamos objetivamente o problema de serviço do novo engenho em função de sua técnica de emprêgo; deve-se definir com exatidão o pessoal a que é mais interessante confiá-lo. Quando este pessoal não existe em parte alguma ou é insuficiente, é necessário recorrer a diferentes armas ou forças, se quisermos dispor do melhor pessoal possível.

Não é só o aparecimento de novos engenhos que cria problemas. Também o desaparecimento de engenhos ultrapassados os cria.

Quando um tipo de arma deve ser substituído por outro inteiramente diferente ou quando se torna inoperante no campo de batalha, deve desaparecer imediatamente. Isto só acontece raramente, em consequência do espírito conservador dos homens que servem o armamento em causa e que a êle estão ligados diretamente, por sua formação, sua doutrina e seus hábitos. Constata-se então, que o meio em questão, continua a encontrar entre seus antigos utilizadores, adeptos que o defendem cegamente, contra todo o bom senso e que às vezes não se rendem à evidência, senão depois de convencidos experimentalmente de sua inutilidade, numa catástrofe trágica.

Quando, por exemplo, o moderno fuzil de repetição do gênero Lebel, modelo 1886, tornou-se usual em todas as infantarias do Mundo, bastava um simples raciocínio para convencer os táticos, de que a Cavalaria, como uma arma de combate a cavalo e pelo choque, estava definitivamente condenada. Enquanto a couraça individual pudera defender o cavaleiro, com uma certa eficiência, contra projéteis pouco poderosos e enquanto a cadência de tiro da Infantaria era tão fraca, que se pudesse esperar passar a galope entre as balas, as massas a cavalo podiam justificar-se; mas logo que a Infantaria foi capaz de desencadear, com grande velocidade, uma saraivada de balas capazes de atravessar as couraças, até a 1.000 metros, tornou-se impossível para a Cavalaria, pretender abordar o adversário, mesmo se este não estivesse protegido, por um obstáculo.

Ora, em 1914, quando não somente o fuzil de repetição já datava de 30 anos, mas também a metralhadora moderna já estava em condições operativas e começava a difundir-se largamente, todas as cavalarias da Europa, partiram para a campanha com suas armas brancas e com a intenção determinada de servir-se delas. Não foi preciso muito tempo para compreenderem o que há tanto já era evidente.



Um outro exemplo é o dos balões de observação. Estes aparelhos, muito cômodos em posições estabilizadas, estiveram em grande voga na primeira Guerra Mundial e deram lugar à criação de uma verdadeira arma: a aerostação. Em face de aviação de combate inimiga, sua vulnerabilidade na época era muito aceitável. Por volta de 1930 a situação já era diferente. A capacidade dos aparelhos de caça tinha se tornado tal, que qualquer aeróstato que fôsse ao ar, podia ser atacado em alguns minutos e as armas terrestres eram absolutamente incapazes de protegê-los. Era fácil verificar, por ser um cálculo simples, a ordem de grandeza entre as probabilidades de atingir, com algumas metralhadoras, um avião atacando de surpresa e manobrando a tôda velocidade contra um objetivo tão fácil como um aeróstato. Esse cálculo condenava sem apelação o balão de observação. Entretanto a aerostação manteve longo tempo seus balões e dirigíveis, tentando bem ou mal, adaptar a continuidade de seu emprêgo, e partiu para a guerra com êles. Recorde-se que durante o inverno de 1939-1940, todos os aeróstatos que tentaram subir, foram heróica mas imediatamente abatidos. Também neste caso, foi necessária uma experiência prática definitiva, para dar o golpe de misericórdia, numa arma já condenada ao desaparecimento.

Poder-se-ia encontrar muitos outros exemplos. Entretanto, é necessário precisar bem, que a adaptação ao progresso, pelo desaparecimento de uma arma ultrapassada, não significa que o antigo material não possa ainda ser utilizado durante um certo tempo, em concomitância com o material mais moderno.

Resta a questão de verificar em que extensão o material ultrapassado pode prestar serviços eficientes ou, ao contrário, se será mais pernicioso do que útil. Ora, as leis segundo as quais se faz sentir na guerra a inferioridade de performance de um material ou, segundo os quais se realiza seu desgaste, variam consideravelmente de um material para outro.

E assim foi no passado. Quando em 1915 os canhões modernos de tiro rápido, da época, eram em número muito insuficiente para equipar uma frente defensiva, foram empregadas com sucesso as velhas peças de até em 155 mm enquanto se esperava a chegada dos novos canhões em fabricação.

Mas é igualmente verdade que alguns milhares de carros Renault FT de 1918, guardados em depósito entre as duas guerras, com manutenção cuidadosa, não prestaram serviço algum em 1940, ao se defrontarem com engenhos inimigos superiores sob todos os aspectos. Não tinham servido senão para fazer número nos armazéns e para dar impressões errôneas sôbre a capacidade do exército no domínio dos engenhos blindados, custando somas consideráveis de armazenamento e manutenção.

É possível porém determinar, "a priori", se um engenho por ser um pouco antigo ou por ter tido algumas de suas características ultrapassadas, é ou não capaz, sob certas condições, de prestar serviços úteis?



Um critério essencial para responder, parece ser o de sua utilização ou não, em ações contra um adversário da mesma natureza. Os engenhos destinados a atirar de longe ou aquêles que por seu pequeno porte podem se dissimular sôbre o terreno, isto é, os engenhos que atiram contra objetivos que, por sua vez, não podem ajustar sôbre êles um tiro preciso e a vista direta, não tem as mesmas condições de sobrevivência sôbre o campo de batalha que os engenhos empregados a descoberto, a curta distância.

A artilharia clássica, por exemplo, tanto da 1ª como da 2ª Guerra Mundial é, no mais das vêzes, empregada de posições desenfiaadas. Seu efeito é obtido pela quantidade de projéteis que lança e sua segurança, do fato de operar de posições desconhecidas ou mal conhecidas do inimigo e sôbre as quais êste não pode agir senão por fogos mais ou menos ajustados. Nestas condições, canhões cuja cadência de tiro seja a metade da de outros de um mesmo calibre, porém mais modernos, podem compensar esta inferioridade pelo número; duas baterias do modelo antigo, podendo realizar o mesmo trabalho que uma bateria do modelo atualizado.

Inferioridades de campo de tiro em direção ou em altura, maior perda de tempo na mudança de objetivos e conseqüentemente maior dificuldade na procura de posições de bateria, tudo implicando em séria diminuição do rendimento das peças, não são condições inibitórias, e ainda deixam uma margem de aproveitamento, compensando-se a diminuição do rendimento pelo aumento do número dos materiais em linha.

Da mesma forma poderá ser encarado o problema do alcance, desde que a diferença entre o material existente e o mais moderno não seja demasiado grande.

Em resumo, material de artilharia largamente ultrapassado no campo técnico, pode ainda prestar serviços na falta de material mais moderno, uma vez que sua inferioridade não significa para êles, uma imediata retirada do serviço. O mesmo se verifica para o armamento de pequeno calibre de infantaria e para os morteiros. É evidente que uma Infantaria armada de carabinas e fuzis semi-automáticos tem vantagens consideráveis sôbre outra armada de simples fuzis de repetição. Mas isto não faculta à primeira a eliminação segura de segunda. Constatou-se isso durante a 2ª Guerra Mundial, em que a Infantaria Inglesa permaneceu fiel ao velho fuzil de repetição, enquanto que as armas individuais, automáticas e semi-automáticas, já estavam muito difundidas entre os alemães, americanos e russos.

O mesmo se pode dizer para todos os acessórios das armas já referidas e que no campo de batalha procuram sua proteção no desenfiamiento, na camuflagem e ao abrigo do terreno.

O emprêgo dos postos rádio dos últimos modelos americanos, durante as campanhas da Itália e da França, deu à Artilharia aliada um rendimento considerável, permitindo-lhe melhor ajustar seus tiros em



função das necessidades da Infantaria; mas também é verdade, que uma técnica de rádio menos evoluída, não impediu que a Artilharia Alemã obtivesse na mesma época, na frente oriental, muito bons resultados.

Da mesma forma os materiais empregados em tiro direto nos combates de destruição. Esses materiais não podem sofrer inferioridade sensível a não ser que sejam rapidamente eliminados.

Já citamos o exemplo do carro Renault FT da guerra de 1914-18. Em 1940 este heróico ferro velho, moroso e sem armamento sério, não se agüentou um minuto frente aos Panzer alemães e aos canhões anticarro modernos. Mas neste caso particular, a diferença de características dos materiais opostos era de tal ordem, que os carros FT não passavam realmente de uma velharia. Muitos materiais cuja diferença com o material moderno não era tão grande como no caso dos carros, foram também sistematicamente eliminados dos campos de batalha. Como exemplo, há o carro americano M3 "General Grant" cujo canhão em casamata apresentava sensível inferioridade em capacidade de tiro em relação ao material sob tórres. Desapareceu rapidamente, em consequência de seu insucesso total nos combates nos desertos da África do Norte.

A corrida pela potência do armamento e pela proteção continuou de maneira progressiva durante a guerra, eliminando todos os engenhos de armamento medíocre, ou insuficientemente blindados.

A Alemanha abandonou todos os modelos de carros leves e médios para chegar aos Tigres de 67 toneladas e aos Pantera de 45 toneladas, armados de canhões longos, de 88 mm e 76 mm, com grande velocidade inicial e blindagem frontal respectivamente de 150 mm e 80 mm. Da mesma forma os russos abandonaram muito rapidamente os carros leves, substituindo-os pelo T-34 de 30 toneladas e o Stalin de 56 toneladas.

O mesmo fenômeno, que seria muito longo discutir aqui, reproduziu-se nesta outra forma de combate à vista direta e a descoberto que é o combate aéreo. Também aí se constatou uma eliminação radical, sucessiva e rápida de todos os tipos de aparelhos, logo que suas performances eram ultrapassadas, em velocidade, em blindagem ou em armamento.

Há então, algumas vezes, possibilidade de determinar "a priori", se uma arma está ou não definitivamente condenada. Caso o esteja, deve-se eliminá-la o mais rapidamente possível e não prolongar, por motivos sentimentais, a agonia de um material tornado obsoleto pelo aparecimento de um tipo mais potente ou mais aperfeiçoado.

*(Continua no próximo número)*



## DOCTRINA MILITAR NACIONAL

*“O problema é diferente para cada país, dependendo de ser ele uma grande potência industrial, ter as novas armas e de quanto a política e a administração estão ligadas às necessidades das grandes massas. Tudo isso influencia a elaboração final de uma doutrina e o estabelecimento dos princípios a que o país e suas forças armadas obedecerão na guerra. Por esse motivo, as doutrinas oficiais e semioficiais e a reorganização dos exércitos dos diferentes países em geral revelam o verdadeiro aspecto da situação interna e externa.”*

General VIKTOR BUBANJ, ex-iugoslavo

## DOCTRINA E TÉCNICA

*“O passo de sete léguas dado pela tecnologia possivelmente permitiu maior progresso nos últimos 15 anos do que nos 15 séculos anteriores. Esta constatação torna bem claro que o progresso científico e tecnológico, para criar novo equipamento, é mais fácil de conquistar, muitas vezes, do que o progresso doutrinário, isto é, o desenvolvimento de novas concepções e sua integração completa como componente do poder de combate. A causa é que a complexidade crescente da evolução doutrinária, com seus valores humanos e éticos, períodos de elaboração e opiniões divergentes, é normalmente terreno mais difícil de desbravar do que o dos problemas de laboratório ou de fábrica. O progresso doutrinário também é mais complexo do que o tecnológico porque o pensamento profissional militar não se pode limitar ao material, com exclusão de novas táticas e idéias mais ou menos independentes daquele — as ligadas à chefia, os problemas de moral, comunicações, psicologia e organização. A sobrevivência nacional impõe o aproveitamento da tecnologia no máximo grau possível.*

*Em conseqüência, o militar profissional deve continuamente procurar hoje trocar o manto da praxe e da suficiência por uma busca incessante de respostas realistas e práticas aos problemas de amanhã.”*

Gen Div LIONEL C. MCGARR, Cmt ECEME/EUA



## II — ORGANIZAÇÃO

### O "EXÉRCITO PROFISSIONAL" DE CHARLES DE GAULLE

Ten-Cel HENRIQUE OSCAR WIEDERSPAHN

#### Nota do Redator:

Numa época em que o pensamento militar enfrenta um sem número de problemas, relativamente à Guerra, no campo essencialmente filosófico, de indagação, com vistas a uma reformulação doutrinária geral, conceptual, bem como fazem-se pesquisas técnico-operacionais, para adaptar as estruturas existentes, ou procurar novas organizações que respondam pelas necessidades operacionais. Quando o Mundo vive um dos períodos de maior perigo e angústia de sua história, que engolfado na Guerra Fria, entreato, sobretudo de fundo ideológico, de opção, conformando a Guerra Psicológica, a mobilizar todas as atividades, com obstinação e continuidade, na preparação das Nações e dos Blocos de Comunidades, com vistas ao estágio seguinte da Guerra propriamente dita. Quando se intenta uma solução para o binómio massa x dispersão, aparentemente contraditório e incoerente, se não admitirmos, de peremptório, a consideração altamente expressiva do fator mobilidade, sob todas as suas manifestações. Enfim, numa época em que se procura adaptar a Doutrina às "novas idéias", calha, por muito oportuno fixar a atenção para o valor de um livro, profundamente revolucionário, que saclindo o pensamento militar francês, quando a França sentia que a 2ª Grande Guerra estava próxima, e que, portanto, deveria preparar-se para a iminência de sua eclosão.

Queremos referir-nos ao livro do então Maj CHARLES DE GAULLE, "O Exército Profissional", editado em 1934. Livro que estuda o quadro da guerra de modo objetivo, moderno, consoante as tendências que então se esboçavam e, sobretudo, incorporando as possibilidades que o campo técnico-científico-industrial ensinava relativamente à obtenção de maior mobilidade, maior massa. Mais que um estudo apressado, relativamente à estruturação de forças blindadas, essa obra — que aqui no Brasil apareceu durante a guerra, com o sugestivo título "E a França teria Vencido..." — representava em verdade, profunda meditação, que o Estado-Maior francês, infelizmente, relegou a plano secundário.

Pois, o que se contém no estudo de DE GAULLE é um chamamento às elites profissionais francesas a uma tomada de posição face à evolução da Doutrina, consoante as possibilidades técnico-científico-industriais. Como o fizeram, por sinal, o General J. F. FULLER, na Inglaterra, sendo por isso obrigado a romper com seus superiores hierárquicos e, finalmente, reformar-se. Ou, como o General HEINZ GUDERIAN, na Alemanha, onde também se reagiu "às novas idéias".



Embora inicialmente contando com a simpatia do Marechal PETAIN, então Ministro da Guerra, essa "Verdadeira rebelião intelectual", onde se denunciava autêntica teoria das Divisões Blindadas, de pouco vultamento foi para vencer o "complexo da Linha Magnot".

Em síntese, eis o mérito do trabalho escrito em 1934 pelo então Major DE GAULLE e que tão brilhantemente vem comentado pelo Tenente-Coronel WIEDERSPAHN:

— reclama uma Doutrina Militar atualizada, em conformidade com a realidade do TO francês da década de 30;

— vale como advertência aos imobilistas de outros países, que certamente pensam como aquêles que "procuravam tachá-lo de derrotista, de ovelha negra e, até, mau francês..."

Efetivamente, DE GAULLE propunha a revisão da Doutrina de Emprego das Forças, uma Nova Doutrina consoante aos modernos conceitos de motomecanização. Doutrina à base de grupamentos de forças motomecanizadas as quais, não ultrapassando o efetivo de 100.000 homens, representassem praticamente excelente massa de manobra, altamente móvel e integrada por soldados profissionais, sempre em condições de atuar, em qualquer parte do território nacional. E seria necessário que a França conhecesse a tremenda derrota de maio-junho de 1940, para que o livro revolucionário se erigisse em monumento de valor altamente filosófico, pois a advertência se configurava, de modo pleno e em cores dramáticas.

Ao encarecermos a atenção dos camaradas aos comentários do Tenente-Coronel WIEDERSPAHN a propósito desse livro extraordinário, queremos destacar o juízo crítico, equilibrado e muito justo, desenvolvido pelo comentarista. Principalmente pela oportunidade de muitos conceitos, como é o caso, por exemplo, da profissionalização do Exército, à base de um "recrutamento misto, entre consertos de tempo normal de serviço e voluntários especializados engajados por períodos de 5 anos." Excelente idéia, por sinal.

Que os "esforços isolados do pequeno grupo de pioneiros franceses da nova escola de blindados de antes de 1940", frutifiquem em outros tantos exemplos, a nós que debatemos problemas doutrinários, no sentido duma reestruturação profissional, que atenda, realmente, às necessidades da Guerra Moderna, consoante o triplice aspecto em que devemos considerá-la.

Pois, do que se vê nos dias que correm, não é assim que entendem os EUA e URSS, para apenas citar as potências mais expressivas da atual Doutrina Militar e de Guerra? Não é, em última análise, decorrência do que se contém no livro de DE GAULLE e que destaca o Tenente-Coronel WIEDERSPAHN, e que os EUA procuram intentar, quando pensam em Corpos de Exército Estratégicos e outras forças operacionais, em permanente estado de prontidão e alerta, inclusive, em condições de seguir para qualquer TO e aí atuar em 24 horas!

Eis algumas idéias, dentre muitas, que a análise adiante apresentada sugere, quando pensamos na nossa Doutrina Militar, em termos de estruturação de forças, recrutamento e adestramento para emprego nas diferentes áreas geoestratégicas a que fomos levados a atuar, dentro e fora do território nacional.



Sòmente depois do desastre militar francês de 1940 e da decisão tomada, pessoalmente, pelo recém-promovido general Charles De Gaulle (n. 1890) em desobedecer oficial e públicamente aos seus superiores hierárquicos batidos e ao novo govêrno da França, chefiado então pelo marechal Philippe Pétain, um dos heróis nacionais de Verdun em 1916, discordando da rendição e do armistício franco-alemão, firmado em 22 de junho daquele mesmo ano, e apelando desde a Inglaterra pela continuação da luta e da resistência aos vencedores alemães, é que se começaria a dar maior atenção ao seu livro de 1934, intitulado "Vers L'Armée de Métier". (Em favor de um exército profissional).

É que a partir daquele momento serviria perfeitamente aos objetivos propagandísticos de guerra, visando diminuir os efeitos catastróficos morais, resultantes do emprêgo de grandes unidades blindadas pelos alemães, segundo a nova tática há muito esboçada pelos seus pioneiros ingleses e alguns de seus seguidores isolados, tanto na Inglaterra como nós Estados Unidos, mas principalmente na Alemanha. Profundamente revolucionário em tôdas as suas concepções, embora eivado de fantasias próprias em obras destinadas a saçudir e a impressionar a opinião pública interessada em assuntos da defesa nacional, seu livro passaria, então, a ser divulgado em múltiplas edições, desde a francesa do Canadá até as traduções em diversos idiomas do mundo ocidental, em ambas as margens do Atlântico.

Entre nós tal livro teve ampla divulgação também, em diversas edições brasileiras, mas com o seu verdadeiro título francês modificado para "E a França Teria Vencido...", título que nada tem a ver com o que verdadeiramente constitui seu conteúdo revolucionário. Graças a isto e à ampla propaganda feita depois de 1940 quanto à mesma obra, chegar-se-ia a pretender e mesmo afirmar que "o primeiro teórico das divisões blindadas foi o general De Gaulle". (1) Não o podemos, em sã consciência, negar tal primazia, desde que nos colocamos dentro dos devidos têrmos propagandísticos e se nos limitarmos, exclusivamente, frente à mentalidade dominante na França de 1934, pois no mesmo ano já muitos outros teóricos do emprêgo de tais divisões blindadas autônomas já haviam publicado outros tantos livros bastante mais técnicos que o seu, além de artigos de divulgação em muitas revistas de assuntos militares em tôda a Europa e até nos Estados Unidos. Verdade é que, como então De Gaulle, quase todos vinham encontrando a mais tenaz oposição da parte dos respectivos altos comandos e chefes de estado-maior. Na Inglaterra, o general-fieldmarechal John Frederick Charles Fuller (n. 1878), rompera com seus superiores hierárquicos e fôra obrigado a reformar-se por isto, sem renegar suas idéias em marcha. Na Alemanha continuava o "mago das divisões blindadas",

(1) Général L. M. Chassin, *Histoire Militaire de La Seconde Guerre Mondiale 1939-1945* — Ouvrage couronné par l'Académie Française. Préface du Général de Lattre de Tassigny. Nouvelle édition revue et augmentée, avec 37 cartes. Payo, Paris 1951. Pág. 12.